

**A CONSTRUÇÃO DA JORNADA DO HERÓI CONTEMPORÂNEO PELAS  
CRÔNICAS DE LOURENÇO DIAFÉRIA**

**Jhonathan Wilker da Silva Pino<sup>1</sup>**

**Resumo:**

O presente trabalho analisa a construção do arquétipo do herói em crônicas do Lourenço Diaféria. A partir de um debate sobre arquétipos, inconsciente coletivo e narrativas míticas, esse artigo pretende identificar em alguns textos do citado autor a estrutura do monomito, segundo Joseph Campbell, Mircea Eliade, Carl Jung e Claude Lévi-Strauss. Fizemos analogias entre os personagens e a estrutura arquetípica para exemplificar como a estrutura narrativa mítica persiste nos dias atuais, como formar de promover sentido ao nosso cotidiano. Chegamos a noção de que, tal qual o monomito, o herói de Diaféria apresenta a essência diferencial em relação a seus pares e a sociedade ainda enxerga em seus atos o comportamento exemplar para as suas ações.

**Palavras-chave:** Crônica. Narrativas. Mitos. Conhecimento. Arquétipos.

**Texto**

Quando Lourenço Diaféria resolve fazer uma crônica abordando a triste morte do sargento Sílvio, causada pelo ataque de uma ariranha, após o salvamento de uma criança desconhecida das presas do animal, o autor informa a população da existência de um novo herói, em preferência àquele herói petrificado em estátua do Duque de Caxias, localizado na Praça Princesa Isabel, na cidade de São Paulo. O texto “Herói. Morto. Nós”, publicado em 1º de setembro de 1977, na Folha de S. Paulo, seria a causa para a prisão do autor durante o regime militar, por supostamente ofender um símbolo nacional. Talvez o Regime não cometesse tal ato se percebesse que aquela crônica fora apenas mais uma da enorme lista de Diaféria, com a apresentação de figuras-símbolos, elevadas ao patamar de herói, para dar

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Caspér Líbero. Email: jhonathan.pino@ascom.ufal.br.

sentido a ações de personagens comuns da capital paulista. A crônica em questão trata-se da jornada de um herói, cujo final trágico seria relatado da seguinte forma:

Não me venham com besteiras de dizer que herói não existe. Passei metade do dia imaginando uma palavra menos desgastada para definir o gesto desse sargento Sílvio, que pulou no poço das ariranhas, para salvar o garoto de catorze anos, que estava sendo dilacerado pelos bichos.

O garoto está salvo. O sargento morreu e está sendo enterrado em sua terra.

Que nome devo dar a esse homem?

Escrevo com todas as letras: o sargento Sílvio é um herói. (...)

Para mim, o herói - como o santo - é aquele que vive sua vida até as últimas consequências. (DIAFÉRIA, 1977)

Como é possível ver, no trecho acima, o sargento Sílvio seria herói porque seu sacrifício serviria de exemplo para o coletivo: trata-se de alguém que não mediu esforços para salvar um próximo. Em contraposição, Diaféria (1977) argumentaria que aquela estátua de Duque de Caxias, “onde se reúnem os ciganos e as pombas do entardecer - oxidou-se no coração do povo” e não nos serviria como símbolo da bravura heroica: “ele está ensinando a este país, de heróis estáticos e fundidos em metal, que todos somos responsáveis pelos espinhos que machucam o couro de todos”. O autor toma posição a favor do sargento, ao mesmo tempo em que informa que tal ato não poderia ser realizado por qualquer um, mas apenas por alguém de valores nobres.

Mesmo que não tenha final tão trágico, os heróis são personagens presentes em inúmeros textos de Diaféria (1976). Ao longo de sua carreira, de mais de cinco décadas, o autor nos apresentou histórias de vida, como verdadeiras jornadas heroicas. Seja um motociclista querendo atender aos apelos do Governo para a economia de combustível, seja um pai de família querendo enfrentar a cíclica falta de leite nos supermercados, os personagens desse cronista têm verdadeiros ensinamentos. Assim como as figuras mitológicas, presentes nas narrativas clássicas, são personagens que se sacrificam em busca de recuperar um dano, nos servindo como exemplos de sacrifício pessoais para o bem comum. Seriam aquilo que autores de diversas áreas, como Mírea Eliade, nos estudos das religiões; Joseph Campbell, na análise das mitologias; Carl Jung, na pesquisa do inconsciente coletivo; e Claude Lévi-Strauss, nos estudos antropológicos e sociológicos, analisariam como a

repetição de arquétipos, presentes em quaisquer culturas e responsáveis pela assimilação de valores universais em todos os povos.

Nesse texto procuraremos abordar justamente como o arquétipo do herói seria reproduzido em algumas figuras retradas por Diaféria, a partir das crônicas “Herói. Morto. Nós”, “As aventuras de um Ciclista Urbano” e da sequência de cinco crônicas “As desarmonias de uma família unida”, e entender qual o papel deles para a produção de conhecimento. Por isso, a primeira questão a se abordar seria definir a função desses arquétipos.

O tema foi bem delimitado por Luiz Paulo Grinberg (1997), em “Arquétipos e inconsciente coletivo”. Neste texto, o autor utiliza como base teórica os trabalhos de C. G. Jung, que percebeu no inconsciente de cada indivíduo a existência comum de “um tipo de fantasia, com constituintes das possibilidades herdadas da imaginação humana”. Essas estruturas, presentes no inconsciente coletivo, seriam inatas e capazes de formar ideias mitológicas, denominadas pelo autor de arquétipos. Jung especularia que eles seriam uma espécie de matriz, ou raiz comum de toda a humanidade.

o inconsciente coletivo é a camada mais profunda do inconsciente e corresponde a uma imagem do mundo que levou eras e eras para se formar. Nessa imagem cristalizaram-se os arquétipos ou as leis e princípios dominantes e típicos dos eventos que ocorreram no ciclo de experiências da alma humana.

Não podemos ver o inconsciente coletivo. Podemos apenas inferir sua existência, a partir de várias imagens e símbolos que, independentemente de raça ou cultura, surgem de modo recorrente nos mitos, nos contos de fadas, nos sonhos e no folclore de todas as épocas e lugares. (GRINBERG, 1997, p. 135)

Lévi-strauss (1978) defenderia que a semelhança entre os mitos narrativos, de origem de diversas civilizações apontaria para a hipótese de que todos eles apresentam aspectos para a construção de uma história só – o monomito. Já Christopher Vogler (1997) exemplificaria isso ao comentar a jornada do Herói:

O modelo da Jornada do Herói é universal, ocorrendo em todas as culturas, em todas as épocas. Suas variantes são infinitas, como os membros da própria espécie humana, mas sua forma básica permanece constante. A Jornada do Herói é um conjunto de elementos extremamente persistente, que jorra sem cessar das mais profundas camadas da mente humana.

Seus detalhes são diferentes em cada cultura, mas são fundamentalmente sempre iguais”. (VOGLER, 1997, p. 24 e 25)

Esse autor destacaria que apesar de uma infinita variedade nas características do protagonista, como cor, tipo físico e personalidade, a sua jornada sempre apresentará um enredo constante: em que o personagem sai de seu ambiente seguro e comum para se aventurar em um mundo hostil e estranho, que conforme o autor pode ser, “uma viagem a um lugar real: um labirinto, floresta ou caverna, uma cidade estranha ou um país estrangeiro, um local novo que passa a ser a arena de seu conflito com o antagonista, com forças que o desafiam.” (VOGLER, 1997, p. 28). Só depois de passar por diversas provações, nosso herói chegará a sua recompensa.

## **1. Arquétipos comuns**

Ainda Carl G. Jung (apud Grinberg, 1997), relataria que, apesar da construção dos arquétipos ser influenciada pelos contextos culturais, essas narrativas seriam herdadas, e já nasceríamos com eles em nosso inconsciente. Na ficção, ou na vida real, o personagem expressa esses arquétipos como forma de narrativas para as relações e vínculos que mantêm com o seu mundo.

Todos nós possuímos uma predisposição arquetípica para desempenhar papéis (mãe, pai, filho, filha, irmão, irmã, amigo, amiga, professor, aluno, etc.). Impulsionados pelos arquétipos, fazemos escolhas, criamos, enfrentamos heroica ou covardemente as mais diversas situações. Com loucura ou sabedoria respondemos às várias solicitações da vida.

Como vimos, o que é herdado não é a experiência, e sim, o potencial para experimentar papéis e situações de uma determinada maneira. (...) Não podemos conhecer um arquétipo, mas apenas perceber suas manifestações, que tomam basicamente a forma de metáforas. As manifestações do arquétipo são princípios organizadores que facilitam a compreensão da experiência. (GRINBERG, 1997, p. 137 e 138).

Campbell (2007) relata que cerimônias como o nascimento, o processo de iniciação dos adolescentes, o casamento e o funeral seriam rituais que serviriam para traduzir as crises e ações de vida do indivíduo, colocando-nos na função de guerreiro, noiva, viúva, chefe, e assim representando-nos como estágios arquetípicos ao longo da vida.

Na verdade, vivemos sempre o mito do herói, os outros é que assumem posições secundárias em nossas vidas pessoais. Isso faz parte da construção da narrativa de nosso

percurso de vida e esses arquétipos são assumidos a partir do contato com os outros. No caso do sargento Sílvio, esse assume a posição de herói a partir do momento em que se depara com a criança sendo atacada pela ariranha. É desta situação que dependerá a sua condição de herói. Conforme o próprio Diaféria (1977) relata, antes dessa prova, o nosso protagonista nos era desconhecido, era apenas um de nós, e se destacará a partir de seu sacrifício. Mas esse herói não seria criado a partir do vazio: seu ato heroico seria resultado de um caminhar com passos que já lhe eram nobres, mas que só a partir do sacrifício, será possível ver sua distinção quanto aos seus pares.

Para Campbell (2007), o herói é o símbolo de alguém que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e alcançou formas normalmente válidas. “As visões, ideias e inspirações dessas pessoas e vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos”. (CAMPBELL, 2007, p. 28)

Chamar o sargento de herói, enquadrá-lo nesse arquétipo, foi a forma que Diaféria (1977) encontrou para construir um significado, embutir sentido em uma ação, e que para isso utilizou-se de um arquétipo, resgatando-o do inconsciente coletivo de seus leitores.

## **2. Construindo conhecimento**

Em acordo com os autores citados acima, Dimas Künsch (2008), argumentaria que esses arquétipos serviriam para a compreensão do homem quanto ao mundo que o circunda e suas relações sociais. O autor cita Karen Armstrong (2005), quando este destaca que “desde a origem mais remota inventamos histórias que permitem situar nossas vidas num cenário mais amplo e que nos dão a sensação de que a vida, apesar de todas as provas caóticas e arrasadoras em contrário, possui valor e significado”. (ARMSTRONG apud KÜNSCH, 2008, p. 176).

Para Reinaldo José Lopes (2013), “a criação de seres imaginários e tramas rocambolescas que nunca ocorreram nem poderiam ter ocorrido seriam *tiltes* dos sistemas cerebrais”, que nos permitem enxergar motivações e personalidades específicas em criaturas reais. O autor apontaria a ficção como responsável pela criação de simulacros da realidade, que serviriam como instrumentos úteis para situar o homem no mundo, fazendo com que o

conhecimento chegue a si, sem que para isso seja necessário se submeter às mesmas provas.

Os estímulos sensoriais e cognitivos cuidadosamente planejados pelos grandes narradores, portanto, seriam uma versão lúdica de ‘simulador de voo’, uma forma de viver experiências – e aprender com elas — sem sair do sofá de casa ou da poltrona do cinema. (LOPES, 2013).

Armstrong (2005) ressaltaria que a combinação de novas formas, presente nas artes, é responsável pelo enriquecimento da vida humana e por mostrar conhecimentos verdadeiros a partir de mundos imaginários. “Na mitologia também elaboramos uma hipótese, damos vida a ela por meio do ritual, agimos a partir disso (...) e descobrimos que atingimos uma nova compreensão no labirinto perturbador do mundo em que vivemos”. (ARMSTRONG, 2005, p. 14).

Campbell (2007) diria que o mito daqueles que nos precederam facilitaria nossa caminhada, tornando o labirinto das emoções e relações pessoais totalmente já familiarizados. “Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói.” (CAMPBELL, 2007, p. 31)

Künsch (2008) ainda acrescentaria que os mitos seriam reveladores do conhecimento sensitivo, marcado pelos vínculos humanos e suas relações sensoriais com o mundo. Eles dariam significado as nossas vidas a partir de uma interpretação mais profunda e atemporal. O mito transcenderia o tempo pela possibilidade de explicar o mundo em diferentes situações, não estando ligado a nenhum momento específico do *chronos*. Para o autor, o mundo não caberia em nossas cabeças somente a partir da lógica.

as mais brilhantes hipóteses e teorias científicas frequentemente namoram, apaixonadas, as histórias ouvidas ao redor das fogueiras da compreensão mítica e religiosa do mundo, ou do tão duramente desprezado, vilipendiando, senso comum. (KÜNSCH, 2009, p. 33).

Todo esse arsenal de conhecimento adquirido com o mito teria como causa os movimentos cíclicos que a humanidade sofre ao longo do tempo. Essa ideia, defendida por Eliade (1992), em “O mito do Eterno Retorno”, estaria baseada no comportamento típico do homem arcaico, que produz suas ações a partir de rituais arquetípicos; olhando em direção as suas origens, para que se conheçam os tropeços do caminho à frente.

Para autores como Künsch (2009) e Vilém Flusser (2007), a dificuldade da ciência em entender o mundo estaria no seu olhar linear, de avanço, proposto por uma história humana, que traça uma linha reta da natureza à cultura, no entanto, ambos defenderiam que seria possível compreender o tempo a partir de ciclos, “que gira da natureza à cultura, da cultura ao lixo, do lixo à natureza, e assim por diante”, (FLUSSER 2007, p. 61).

Flusser (2007) também argumentaria que a ciência teórica não seria nem verdadeira, nem fictícia, mas apenas um modelo formal de explicar o mundo a partir de modelos pré-definidos. Para o autor, hoje parece um despropósito diferenciar a arte da ciência, quando estes exercem papéis semelhantes atuando na construção de in(formações), a diferença entre eles estaria baseada no foco como “a matéria” seria analisada.

Künsch (2009) e Lévi-Strauss (1978) acreditariam na complementaridade entre os opostos – *logos* e *mythos* – para poder compreender a complexidade que o nosso mundo apresenta. A ciência por si só seria incapaz de nos dar todas as respostas. Conforme o autor brasileiro, é necessário sabermos lidar com a incerteza, pois ela sempre estará presente. Uma das formas de lidar com ela seria olhando para o nosso passado, a origem, nossos mitos e arquétipos. A partir desses recursos é possível encontrar conexões em comum, apontando mais semelhanças, do que diferenças entre as diversas culturas.

Como é de se esperar, esses mitos não nos dariam respostas concretas, mas nos preparariam empiricamente para lidar com temas como a felicidade, a dor, a vida, a morte, o amor, o ódio, a guerra e outros assuntos que sempre incomodaram a humanidade. E tudo isso seria possível porque esses mitos seriam atemporais, debateriam com quaisquer tempos, ensinariam a qualquer povo e estariam presentes em quaisquer culturas, a partir de arquétipos. Seriam frutos daquilo que Campbell (2007) chamaria de uma “estrutura narrativa básica”.

### **3. Os heróis de Diaféria**

Resumindo e talvez empobrecendo a formulação do monomito por Campbell (2007), poderíamos dizer que a ideia do monomito se dá pela construção da história de um herói, que em busca de reparar um dano, é chamado a desafios a um mundo estranho; recebe a orientação de um personagem sábio, que o premia a cada etapa concluída; conta com a

participação de personagens auxiliares para responder com êxito aos desafios; chega ao enfrentamento final com o seu antagonista, onde o derrota e é recompensado com a reparação do dano. É necessário dizer que essa simplificação tem claras influências da análise morfológica do conto russo, realizada por Vladimir Propp (2006), quando definiu o conto da seguinte forma:

Do ponto de vista morfológico podemos chamar de conto de magia todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano (A), ou uma carência (a) e passando por funções intermediárias, termina com o casamento (W) ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa (F), a obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano (k), o salvamento da perseguição (Rs) etc... A este desenvolvimento damos o nome de sequencia. A cada novo dano ou prejuízo, a cada nova carência, origina-se uma nova sequência. (PROPP, 2006, p. 90).

Apesar de limitar sua pesquisa aos contos russos, Propp (2006) percebeu que outras narrativas clássicas e até a própria construção da História mantinham vínculos com aquela estrutura, também encontrada em muitos dos textos de Diaféria. Por isso, iniciamos nossa análise com “Herói. Morto. Nós”, e vamos continuar nossas analogias com outras duas crônicas da obra “Um gato na Terra do Tamborim”, para exemplificar como a narrativa mítica, persiste nos dias atuais, como formar de dar significados simbólicos ao nosso cotidiano.

Ao contrário de nosso primeiro herói guerreiro, que se transforma em herói-mártir, Tomaremos aqui exemplos ilustrativos e mais próximos da jornada do herói para reforçar nosso raciocínio de que essas narrativas, de algum modo foram produzidas com a intenção de transmitir conhecimentos. Usaremos a construção mais tradicional por Diaféria (1976), que ao se utilizar corriqueiras vezes de metáforas e ironias em suas narrativas, acaba construindo heróis pícaros – ou anti-heróis – entre os personagens presentes de suas crônicas.

A primeira delas: “As aventuras de um Ciclista Urbano”, relata a jornada de um cidadão, que diante do apelo do governo para economizar a gasolina, decide adotar a bicicleta como meio de transporte para o trabalho (trata-se do chamado para enfrentar o mundo estranho). Aceito o desafio, o nosso protagonista resolve, mesmo que não familiarizado com a bicicleta, enfrentar um percurso geograficamente desfavorável e repleto dos verdadeiros “guardiões-limiaros”, assim definidos por Campbell (2007).

Ficou em dúvida se pegava a avenida Heitor Penteado ou se descia pela Água Branca. Lembrou-se da subida da Pompéia, não ia aguentar o repuxo. Melhor não arriscar. Escolheu as ruas mais planas, no sexto quarteirão já bufava. Respirou fundo, enchendo os peitos. Desembocou a custo nas Perdizes em frente ao elevado Costa e Silva – o tal do Minhocão. Mentalmente mediu o percurso, nem lhe passou pela ideia de que é proibido o trânsito de ciclistas no elevado. Quando deu fé, já estava nele. Atrás de si, a fila de carros. Por cautela, conservava a direita, mas a providência não lhe poupou o dissabor de algumas diatribes. Um sujeito barbudo, dirigindo um fusca, chamou-o de molenga. Outro lhe mostrou a língua, uma atitude altamente obscena. E até uma mulher se julgou no direito de desacatá-lo: - Folgado, hem, cara. (DIAFÉRIA, 1976, p. 13-14).

Veja como diante da aventura de nosso ciclista, este encontra um caminho repleto dos verdadeiros “guardiões-limiare”, assim definidos por Campbell (2007). Eles podem ser encontrados entre os motoristas mal-humorados, entre os guardas de trânsito e fiscais, ou mesmo num chefe pouco compreensível, e servem para apontar as etapas de superação das dificuldades por nosso herói.

Em cinco crônicas denominadas “As desarmonias de uma Família Unida”, sequenciadas pela enumeração romana, o autor aponta um chefe de família em busca da reparação de mais um problema doméstico, a escassez do leite nos supermercados. Nosso herói vê em um leilão de vacas a possibilidade de resolver o dano.

A posse particular de uma vaca de carne e osso para garantir o fornecimento diário de leite representava sem dúvida uma solução não apenas de emergência, mas também definitiva para um problema que me aborrecia.

Todos os dias de manhã, a mesma cantinela: não há leite no empório, não há leite no supermercado. No princípio, ignorando as dimensões da escassez, encolhi os ombros:

– Paciência, meu bem. Vamos apelar para o leite em pó.

Mas a ideia parece que ocorrera antes a toda a população, de modo que o produto em pó também sumira das prateleiras. (DIAFÉRIA, 1976, p. 59).

Está aí mais um exemplo de um herói (pai) diante de um dano. Mais que no texto anterior, essa crônica apresenta elementos presentes na estrutura de Campbell (2007) de monomito. A recusa inicial a aceitar o desafio se depara com um problema maior (a falta do leite em pó), que o chama para o enfrentamento. Nesse personagem, os guardiões-limiare, contrários a compra da vaca e resolução definitiva do dano, estarão dentro da própria casa.

Dei a notícia à hora de jantar e, para não criar impacto, esperei o momento em que a adorável dona Leonor servia uma fumegante sopa de cenourinha e padre-nosso.

Fui suscito:

- Comunico a vocês que, possivelmente já a partir da próxima semana, teremos aqui, à nossa disposição, uma excelente vaca leiteira, garantida pela Fazenda Macuco.

Houve um breve silêncio, apenas rompido pela terrina de sopa, que se partiu no impacto com o chão.

E dona Leonor, sem que nada lhe fosse perguntado:

- O patrão endoidou!

Tudo começou assim. (DIAFÉRIA, S/D, p. 60).

#### **4. Recompensas da jornada**

Ao longo desse pequeno texto apontamos uma jornada nada fácil de três heróis. Se na primeira crônica, “Herói. Morto. Nós.”, há a reparação do dano, com o salvamento da criança; nas outras duas, ficam como recompensas os exemplos de cidadãos, que tomam iniciativas próprias para enfrentar problemas coletivos. Apesar do final não muito feliz de todos os heróis aqui apresentados, suas histórias seriam lições de vida, ensinariam ao leitor os reais valores morais, os benefícios dos sacrifícios pessoais.

Como no monomito, definido por Campbell (2007), o herói de Diaféria seria aquele que tem a essência diferencial em relação a seus pares; aquele que tem o olhar aprimorado para ver mesmo nos momentos difíceis; cuja sociedade veria em seus atos algo a ser repetido. Conforme as palavras do próprio autor, “Todos compartilhamos da suprema provação – todos carregamos a cruz do redentor -, não nos momentos brilhantes das grandes vitórias da tribo, mas nos silêncios de nosso próprio desespero”. (CAMPBELL 2007, p. 376).

A partir de narrativas contemporâneas, embutidas de experiências verossímeis, os textos de Diaféria (1976, 1977), atingiriam o seu objetivo final de informar ao seu leitor sobre problemas coletivos - o que é próprio dos veículos de imprensa - contudo utilizando-se de narrativas básicas. Essas crônicas talvez se encaixassem no que o pesquisador francês Louis Queré chama de ciência-ficção, citado por Patrícia Ceolin Nascimento (2009). Para a autora, esse tipo de jornalismo, ao mesmo tempo em que assume o papel de função informativa, transforma o jornalista num contador de histórias da atualidade, lidando “às vezes inadvertidamente, com personagens, conflitos e expectativas que escapam a qualquer tentativa de enquadramento do objetivo da realidade”. (NASCIMENTO 2009, p. 55).

Apresentando todas as características citadas acima, os textos de Diaféria (1976, 1977) reproduziriam a força dos mitos, definidos por Armstrong (2005), como capazes de tratar do desconhecido, e mesmo assim nos mostrar o comportamento adequado, nos auxiliando para lidar com as dificuldades humanas e, a partir da criação, encontrarmos nosso lugar no mundo.

## 5. Referências

- ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. – São Paulo: Pensamento, 2007.
- DIAFÉRIA, Lourenço. **Herói. Morto. Nós.** Disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos\\_cruciais-02a.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos_cruciais-02a.shtml), acessado no dia 1 de outubro de 2013.
- \_\_\_\_\_. **Um gato na terra do tamborim**. 2ª Edição. São Paulo, SP: Edições Símbolo, (S/D).
- ELIADE, Mircea. A estrutura dos mitos. In **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 7-24.
- \_\_\_\_\_. **O Mito do Eterno Retorno**. tradução José A. Ceschin. São Paulo : Mercuryo, 1992.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo, Cosac Naify, 2007.
- GRINBERG, Luiz Paulo. Arquétipos e inconsciente coletivo In: **Jung: o homem criativo**. São Paulo: FTD, 1997, p. 133-170.
- KÜNSCH, Dimas. A Teoria compreensiva da comunicação. In KÜNSCH, D. A. e BARROS, Lean M. De. **Comunicação: ciência, saber ou arte?** Questões da teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173-195.
- \_\_\_\_\_. Os deuses voltam à cena: ciberespaço, razão e delírio. In: MARQUES, Ângela e outros. **Esfera Pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro: E-paper, 2009, p. 32-47.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**, 1978. Disponível em <http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Mito%20e%20Significado%20%28Claude%20L%20E9vi-Strauss%29.pdf>>, acesso no dia 1 de outubro de 2013.
- LOPES, Reinaldo José. A origem das histórias In **Folha de S. Paulo**, 13 set. 2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/127933-a-origem-das-historias.shtml>>, acesso no dia 3 de outubro de 2012.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. As três formas de redação: descrição, narração e dissertação. In: **Técnica de redação em jornalismo: o texto da notícia**. São Paulo: Saraiva, 2009, p. 39 -70.
- PROPP, V. Ia. **Morfologia do Conto Maravilhoso**./ Vladimir I Propp; seguido de O Estudo Tipológico-Estrutural do Conto Maravilhoso, de E. M. Meletínski, da Estrutura e forma de Lévy-

# 10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Sttrauus e da resposta de Propp ao texto de Lévy-Strauss; tradução do russo de Jasna Parvich Sarthan e prefácio de Boris Schnaidermn. – 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

VOGLER, Christopher. Livro Um: Mapeando a Jornada. In: **A Jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Tradução Ana Maria Machado. Rio de Janeiro; Ampersand Ed, 1997.